



## Obrigado

O “Dia Internacional do Obrigado” nasceu nas redes sociais e é por lá que é comemorado, no dia 11 de janeiro. Serve para lembrar as vezes que nos esquecemos de agradecer, para desculpar a fraca memória dos ingratos, e, mais que tudo, para avaliarmos a nossa conduta diária: Será que estamos a agradecer, a sorrir, a proporcionar a alegria suficiente a quem nos faz bem?

Quem melhor explicou a gratidão gravada no idioma, foi Jean Lauand, em 1998, numa conferência na Universitat Autònoma de Barcelona. Lauand percorreu uma das principais obras filosóficas da escolástica, a Summa Theologica de S. Tomás de Aquino, batizada por papa Pio XI de “o céu visto da terra”, para encaixar em cada um dos seus níveis de gratidão os sinónimos de reconhecimento de alguns idiomas:

- O primeiro nível, o mais superficial, de natureza intelectual, corresponde ao reconhecimento (*ut recognoscat*) do benefício recebido. O inglês e o alemão enquadram-se neste patamar. *Thank* (agradecer) e *to think* (pensar) são na sua origem a mesma palavra, da mesma forma que *zu danken* (agradecer) tem a sua origem em *zu denken* (pensar). Faz sentido: só é agradecido quem pensa no que recebe. Aliás, quando isso não acontece, surge o desabafo, “mas que falta de consideração” (que falta de (re)conhecimento do benefício);

- No nível intermédio, o de louvar e de dar graças (*ut gratias agat*), temos o árabe (*Shukran, shukran jazylan*, um agradecimento é um louvor ao benfeitor) e a formulação latina de gratidão, *gratias ago* (obter graça,

cair em graça, fazer graças) e *gratias agere* (de louvor ou dever de louvar), que aparece por exemplo no italiano, maltês, castelhano, catalão e francês (*grazie, grazzi, gracias, gràcies e merci / mercê*);

- No nível mais profundo, temos o vínculo (*obligatus*), a obrigação, o dever de retribuir. É aqui que se situa o “obrigado” e o “*arigatô*”, embora esta última remeta para significados primitivos como “a existência é difícil”, “é difícil viver”, “raridade”, porque de facto se fica no dever de retribuir um favor imerecido e, portanto, impossível de cumprir.

A palavra obrigado é, por isso, uma palavra “petalosa”. Tal como a corola, na sua epopeia de sobrevivência, assume a função de atrair os polinizadores, cada um dos sentidos desta palavra, em complementaridade, assume a função de comprometer o agraciado: uma pensa, outra reconhece, uma outra louva, outra dá graças e outra agradece. Cada uma das pétalas, cada um dos sentidos, com meridiana clareza, seduz e hipnotiza, de modo a ficarmos atraídos e obrigados numa consciência contraditória. Porquê? Ao selarmos o reconhecimento, ficamos eternamente obrigados a retribuir uma dívida impagável, e eles, amigos ou simples personagens de encontros furtivos, silenciam-se diante do favor imerecido que nos fazem, sem cobrar, sem chantagearem, sem se vingarem, pois aos que nada esperam “Tudo que vem é grato”.

Neste diálogo e em plena consciência, o difícil é mantermos o equilíbrio. É difícil sermos gratos sem ficarmos paralisados pelo que conquistamos ou pelo que nos é oferecido. Talvez o motor da conquista seja precisamente este, o de estarmos sempre em dívida relativa para com os generosos e em dívida absoluta para com este oceano de vida que dá a vida, a começar pelas combinações únicas de octilhões de átomos inconstantes que, sem sabermos muito bem porquê, um dia decidiram juntar esforços para, sem queixume nem reconhecimento, se dedicarem diariamente a manter-nos vivos. Na verdade, quando nos julgamos doadores, somos simples e humildes testemunhas, pelo que o melhor é passarmos a retribuir com um simples, longo e silencioso sorriso.